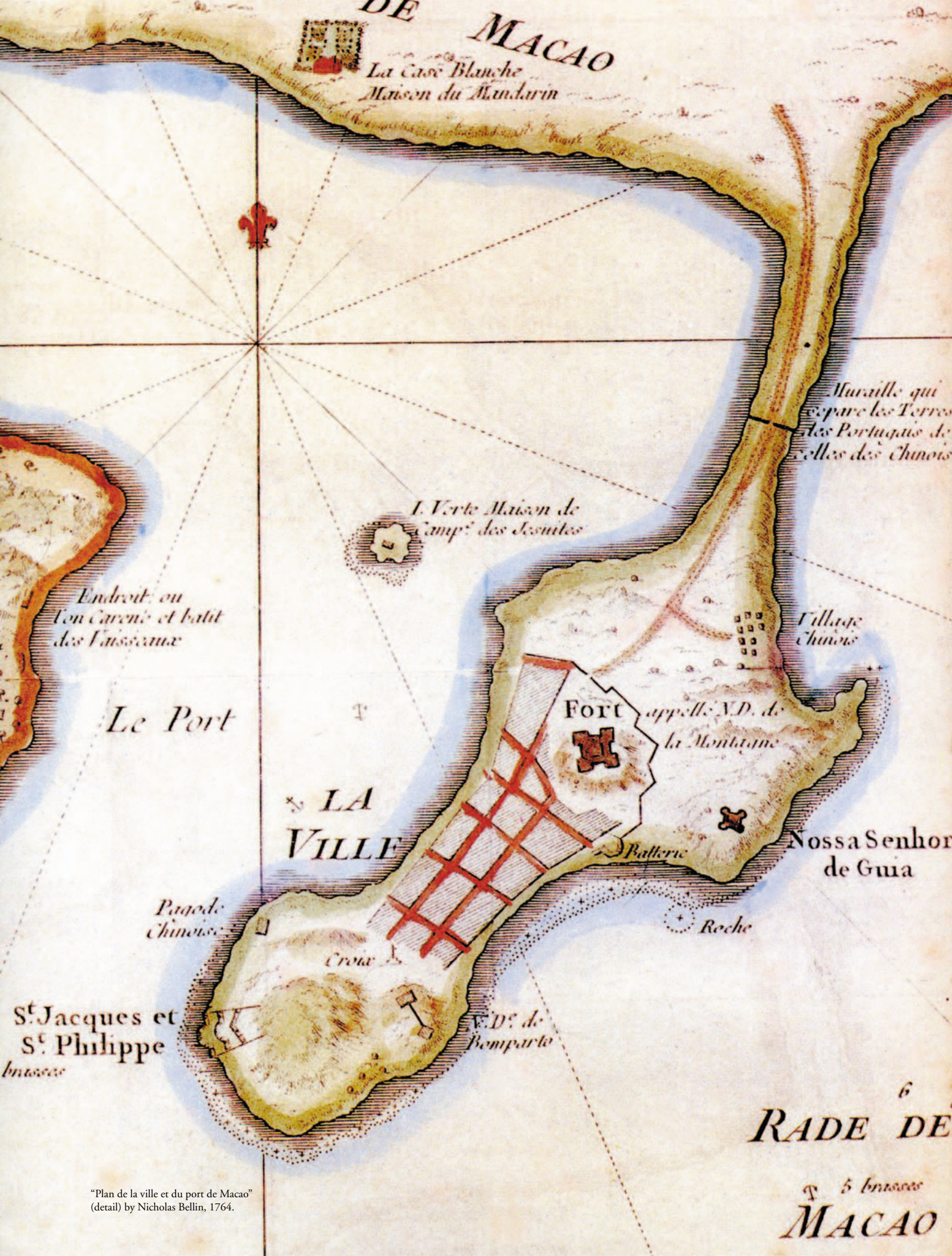




La Case Blanche
Maison du Mandarin

I. Verte Maison de
Camp. des Jesuites

Muraille qui
separe les Terres
des Portugais de
celles des Chinois

Endroit ou
l'on Carene et batit
des Vaisseaux

Le Port

LA
VILLE

FORT appelle N.D. de
la Montagne

Village
Chinois

Nossa Senhora
de Guia

Pagode
Chinois

Batterie

Roche

Croix

V.D. de
Bomparte

St. Jacques et
St. Philippe
basse

6
RADE DE
5 brasse
MACAO

"Plan de la ville et du port de Macao"
(detail) by Nicholas Bellin, 1764.

Introdução

Werner Breitung*

A ideia da publicação deste tema da *Revista de Cultura* sobre “Cidades e Fronteiras” surgiu em 2007. Nessa altura, estávamos a preparar uma Conferência Internacional sobre Cidades e Fronteiras em conjunto com o Instituto Cultural do Governo da R. A. E. de Macau, a Universidade Sun Yat-sen de Guangzhou (Escola de Geografia e Planeamento) e a Universidade de Macau (Centro de Investigação da China Contemporânea). Esta conferência, realizada entre 3 e 5 de Agosto de 2007 na Universidade de Macau, obteve grande sucesso. Estiveram presentes cerca de 40 participantes provenientes de 16 países em disciplinas como Geografia, Sociologia, Planeamento e História.

Tanto a conferência como este número da *Revista de Cultura* conferem a Macau um estatuto de referência para trazer o tópico da geografia política das fronteiras a um nível local, mais especificamente ao nível urbano. Macau é um caso excelente, uma vez que é acentuadamente modelada pela sua natureza de cidade fronteira (Breitung 2007). A circunscrição entre as jurisdições colonial e chinesa e os âmbitos culturais tem sido tão modeladora para este local como a experiência de cruzar a fronteira tem sido para os seus habitantes (ver a contribuição de Sheyla Schuvartz Zandonai para este número da revista). Muitas das limitações e oportunidades oferecidas por Macau estão associadas à existência de circunscrições – nomeadamente à estrutura de “um país, dois sistemas”, descrevendo o papel ambíguo de Macau como parte autónoma da China.



As fronteiras foram investigadas na geografia política tradicional e noutras disciplinas relacionadas tendo sobretudo em conta a sua importância a nível nacional. Nesta perspectiva, tem sido frequentemente esquecido que as fronteiras têm também uma dimensão local muito relevante (Wilson e Donnan 1998, Papademetriou e Meyers 2001). As fronteiras dividem nações e territórios, mas também o espaço local nas regiões fronteiriças e cidades fronteiriças. Isto torna-se especialmente perceptível em enclaves como Macau, Hong Kong ou Singapura e em cidades divididas ou cidades geminadas como Jerusalém, Nicósia em Chipre e El Paso/Ciudad Juárez na fronteira entre os EUA e o México.

Deveras interessante é o facto de a esta escala local o efeito divisor da fronteira é, em muitos casos, menos importante do que o efeito de ligação. Por vezes, as ligações locais prevalecem, mesmo em tempos de confrontação política a nível nacional. A investigação à escala local deveria incluir as forças de circunscrição e as de ligação. No caso de Macau e Zhuhai, podemos considerar a fronteira como um muro que separa dois cenários políticos, sociais e económicos diferentes, mas podemos também olhá-la como uma porta através da qual milhões de pessoas circulam todos os meses (Fig. 1).

No que se refere à relação dialéctica de ambos, poder-se-á dizer que os fluxos transfronteiriços não existem devido à fronteira, mas sim devido às diferenças políticas, sociais e económicas que a fronteira ajuda a perpetuar. Por exemplo, as diferenças de preços entre Zhuhai e Macau, que se mantêm devido à fronteira, são uma força motriz principal para a interacção transfronteiriça. O mesmo se aplica às diferentes

* Licenciado pela Freie Universität, Berlim, doutorou-se em Geografia na Universidade de Basileia. Lecionou na Universidade de Macau e na Universidade de Hong Kong, sendo actualmente Professor na Universidade Sun Yat-sen, Guangzhou. Tem várias obras publicadas sobre questões de urbanismo e de fronteira no contexto do delta do rio das Pérolas.

CIDADES E FRONTEIRAS

legislações sobre jogos de azar e a cultura distinta de Macau, ambos motores principais do turismo transfronteiriço para Macau.

A dimensão local da investigação sobre fronteiras, em especial a urbana, tem sido esquecida desde há muito ou pelo menos subvalorizada. Como explica Doris Wastl-Walter na sua contribuição para esta edição, este facto mudou recentemente, pelo que o nosso tópico está em conformidade com desenvolvimentos actuais. Existe, no entanto, outra perspectiva na relação entre cidades e fronteiras, que merece ainda uma maior atenção. As cidades não são apenas um aspecto subestimado da investigação sobre fronteiras: estas deveriam também ser consideradas como um elemento estrutural crucial das cidades.

Implicitamente, a investigação urbana tem-se referido a diferentes tipos de circunscrições, especialmente nos campos da governação urbana, segregação sócio-cultural ou socioeconómica e espaços de actividade, mas principalmente sem referência explícita a qualquer conceito alargado de circunscrições. Associadas ao discurso sobre fronteiras estão questões administrativas relacionadas com a emergência das regiões metropolitanas e a necessidade consequente de redefinir e redesenhar as circunscrições administrativas urbanas. Se definirmos o conceito de fronteiras de forma mais alargada, alguns dos discursos acima mencionados sobre circunscrições sociais e culturais dentro da cidade tornar-se-ão também uma questão de Cidades e Fronteiras.

Poder-se-ia argumentar que não faz sentido abordar questões tão diversas numa conferência como sendo um único tópico, uma vez que as funções e percepções das fronteiras nacionais e locais e ainda das administrativas e sócio-culturais são demasiado heterogéneas. No entanto, o caso de Macau deverá recordar-nos que esta categorização poderá, de facto, turvar mais a nossa compreensão do que clarificá-la. A fronteira Macau-Zhuhai é uma fronteira em transição, com uma progressão gradual de estado nacional para local. Durante este tempo de transição não faz sentido tentar fazer qualquer tipo de classificação. A fronteira Macau-Zhuhai não é local nem nacional, ou é ambas ao mesmo tempo.

Com esta forma única de transição, Macau pode ser vista como uma excepção, mas podemos vê-la também como um reflexo astuto de fronteiras no nosso mundo globalizante em geral. As circunscrições a nível

nacional estão a perder alguma da sua importância, mas ao mesmo tempo, são erguidas circunscrições espaciais locais, por exemplo para as chamadas comunidades fechadas, zonas de empreendimentos ou estâncias de turismo, e cada vez mais têm um componente internacional (Sidaway 2007, Wissink 2003). Na China, o fenómeno das Zonas Económicas Especiais exemplifica um caso em que essas circunscrições de zona podem ser fundidas com as circunscrições municipais. Por outro lado, a elevada dinâmica investida nas fronteiras de Hong Kong e Macau ilustra o possível cruzamento entre as duas categorias que parecem distintas de circunscrições nacionais e municipais.

Ao defender um conceito alargado de circunscrições não devemos confundir alargado com impreciso e ambíguo. Em especial, um conceito alargado pede uma elaboração concisa sobre a nossa compreensão exacta de fronteiras e circunscrições – termos que são aqui usados quase de forma intermutável. As fronteiras e circunscrições são tidas como linhas de circunscrição no espaço. Excluímos explicitamente as fronteiras não espaciais, tais como circunscrições de classe ou barreiras linguísticas, a menos que se manifestem geograficamente, por exemplo através de segregação residencial da utilização selectiva do espaço.

A existência, localização e importância das fronteiras são resultado de processos sociais de circunscrição ou estabelecimento de fronteiras (van Houtum e van Naerssen 2002). Newman (2002, 2003) recomendou que os investigadores sobre fronteiras dedicassem a sua atenção a estes processos em vez de a dedicarem às linhas e barreiras físicas resultantes. É importante compreender as fronteiras como uma construção social. Como tal, são sempre uma expressão de circunstâncias políticas, socioeconómicas e culturais.

A perspectiva sobre as fronteiras baseada no processo aponta-nos, ao mesmo tempo, para um segundo facto importante – as fronteiras são dinâmicas. As linhas de fronteira e os regimes de fronteira alteram-se de acordo com as mudanças das circunstâncias políticas, socioeconómicas e culturais. A sua localização e, em especial, a sua natureza, abertura e impactos são constantemente renegociadas. Isto torna-se especialmente aparente no caso de Macau, que durante muito tempo não teve um regime fronteiriço mutuamente acordado e agora baseia-se numa

CITIES AND BORDERS

constituição com uma “data de validade” de 50 anos (Breitung 2007, 2009). Afinal, o estatuto de Região Autónoma Especial foi concebido como temporário com a finalidade de facilitar a integração.

Neste processo, torna-se óbvio que as fronteiras possuem funções. Elas protegem, asseguram controle, atribuem poder, facilitam a administração e promovem identidades. A questão neste contexto é que função particular elas preenchem para os governos e para os povos de ambos os lados e a forma como o regime fronteiriço especial reflecte o conjunto, muitas vezes diverso, das aspirações dos diferentes actores.

De um ponto de vista mais antropológico, estas aspirações fazem parte da representação cognitiva das fronteiras. As fronteiras têm um impacto nas identidades e vidas diárias das pessoas. Estão cheias de significado para essas pessoas e relacionadas emocionalmente com

os sentimentos de segurança e “lar” por um lado e com sentimentos não apreciados de isolamento e exclusão, por outro.

As deliberações anteriores podem ser resumidas em cinco declarações:

- As fronteiras são geográficas.
- As fronteiras são construídas socialmente.
- As fronteiras são dinâmicas.
- As fronteiras têm funções.
- As fronteiras têm significados.

Estas cinco declarações podem servir como base conceptual para o estudo das fronteiras. Indicam também que a investigação sobre fronteiras precisa de ser um empreendimento que envolva muitas disciplinas como a geografia, sociologia, história, ciências políticas e antropologia. Existe uma necessidade clara de mais esforços interdisciplinares. As fronteiras entre

Fig. 1. A Porta do Cerco e o novo posto fronteiriço.



CIDADES E FRONTEIRAS

disciplinas têm de ser ultrapassadas para fazer avançar a investigação sobre fronteiras (Newman 2003, 2006).

Como estrutura para um estudo de várias perspectivas das circunscrições, o autor destas linhas desenvolveu um conjunto de cinco abordagens (Breitung 2002, 2007). Sugere-se a investigação da natureza e dinâmica das circunscrições como:

1. circunscrições político-administrativas
2. características físicas
3. barreiras funcionais ou filtros para interacção
4. linhas de circunscrição socioeconómica e
5. representações mentais (“fronteira na mente”).

Estes cinco aspectos (ver Fig 2, p. 16) não devem ser confundidos entre si e devem complementar-se para se alcançar uma compreensão abrangente das fronteiras em questão.

Embora este número da *Revista de Cultura* não se centralize apenas em Macau, as fronteiras desta cidade merecem muita atenção neste contexto. A história do espaço partilhado e de fronteiras indefinidas e ambíguas entre a colónia portuguesa e o seu ambiente chinês, o processo de integração ao abrigo da estrutura de “um país, dois sistemas” e a experiência diária de um dos pontos de travessia fronteiriça mais movimentados do mundo fornecem bastante material para investigação académica. O caso de Macau poderia mesmo ser visto como representante de uma tendência subjacente mais forte para que os chineses abram as suas circunscrições. Os regimes fronteiriços em mudança do maior país do mundo têm, naturalmente, um enorme impacto global, internamente e, segundo o nosso argumento, também localmente. A primeira e mais afectada região fronteiriça da China foi, e continua a ser, a Região do Delta do Rio das Pérolas. Uma maior atenção académica dedicada a esta área beneficiaria um debate prático sobre os desenvolvimentos transfronteiriços no Delta do Rio das Pérolas e o discurso académico distante, demasiado dominado pelo ocidente, no campo dos estudos fronteiriços.

Embora este número da *Revista de Cultura* seja apenas uma pequena contribuição para este objectivo, fomos no entanto capazes de juntar vários documentos notáveis sobre cidades e fronteiras. Em primeiro lugar, o artigo sobre “Borders from the perspective of good neighbourhood” por Doris Wastl-Walter fornece uma actualização em primeira mão sobre perspectivas europeias de investigação fronteiriça. A própria autora contribuiu significativamente para esta pesquisa. Neste

documento, Doris Wastl-Walter desenvolve em especial a alegação popular de que as fronteiras deverão ser ultrapassadas por cooperação. A compreensão é que a cooperação deverá ser à escala local, envolver as vidas diárias das pessoas e ser, idealmente, no sentido ascendente. Doris Wastl-Walter introduz também a perspectiva de que a integração transfronteiriça é uma questão que vai para além das circunscrições políticas e é relevante para circunscrições sócio-culturais intra-urbanas.

Trata-se de um ponto importante que é tratado com mais detalhe pela contribuição seguinte de Sheyla Schuvartz Zandonai, “Borders within the city – Retracing Macao’s identity”. Schuvartz Zandonai aplica uma perspectiva histórica e antropológica para investigar circunscrições sócio-culturais em Macau. Após um trabalho de campo intenso em Macau, Sheyla Schuvartz Zandonai combina o conhecimento local profundo com a compreensão moderna, analítica e multifacetada das circunscrições. Sheyla Schuvartz Zandonai aponta a linguagem e o pluralismo jurisdicional como forças de circunscrição e o comércio, as actividades missionárias e o casamento entre raças como factores que contribuem para encontros transfronteiriços.

O documento de Schuvartz Zandonai apresenta o caso de Macau, que é depois desenvolvido por Hendrik Tieben. Neste artigo, “From backyard to front door. The transformation of Macao’s border spaces”, o autor descreve as recentes alterações espaciais em Macau e analisa, em especial, o reposicionamento do Distrito Norte e do Porto Interior da sua situação secundária tradicional para se tornarem as portas de entrada da cidade. Hendrik Tieben retrata a respectiva transição para espaços de representação na Nova Macau e alguns conflitos e contradições relacionados.

Jonathan Solomon, tal como Tieben, um professor de arquitectura de Hong Kong, contribui com um documento algo invulgar, que se baseia principalmente em imagens para apresentar a sua primeira proposta para a ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau. Sob o título de “Charged infrastructures”, Solomon sugere, com alguma provocação, que se transforme esta ligação transfronteiriça em mais do que um canal de transporte, mas numa estrutura urbana longitudinal que contribua simbolicamente para a integração das três jurisdições envolvidas.

A mais recente contribuição de James Sidaway e Jonathan Power, com o título “Lisbon to Macao. The

CITIES AND BORDERS

occluded geographies of Portugal's discoveries", está ligada de forma menos rígida ao tema das Cidades e Fronteiras. Nela, é apresentada a ideia de ligações simbólicas entre os lugares. Enquanto Solomon concebeu a sua ponte como uma infra-estrutura carregada, Sidaway e Power baseiam-se em ligações simbólicas entre três torres em torno dos locais das exposições universais de 1998 e 1992, em Lisboa e Sevilha, respectivamente, como ponto de partida para desenvolver o tema das descobertas imperiais e a identidade portuguesa e europeia. Trata-se de um texto que se inspira no imperialismo português e europeu e nas respectivas representações. Questiona a adequação

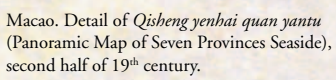
da visão eurocêntrica incorporada no conceito da Expo '98 e as implicações para a construção da identidade nacional portuguesa.

Isto parece bastante imperioso para o autor deste texto à luz de recentes argumentos convincentes de que as viagens europeias de descoberta e a modernização consequente foram realmente inspiradas pelo conhecimento chinês do mundo naquela época (Menzies 2002, 2008). Isto levar-nos-ia de volta ao nosso ponto de referência geográfico na China e aos primeiros argumentos sobre a grande importância do regime fronteiriço em mudança deste país e da inadequação do domínio ocidental actual em estudos sobre fronteiras. **RC**

BIBLIOGRAFIA

- Breitung, Werner (2002). "Transformation of a boundary regime: the Hong Kong and Mainland China case", in *Environment and Planning A* (34), pp. 1749-1762.
- (2007). *Overcoming Borders, Living with Borders*. Macao and the integration with China. Macau: Instituto Cultural do Governo da R. A. E. de Macau.
- (2009). "Macau residents as border people. A changing border regime from a socio-cultural perspective", in *Journal of Current Chinese Affairs* 38 (1), pp. 101-127.
- Menzies, Gavin (2002). *1421: The Year China Discovered the World*. Londres: Bantam Press.
- (2008). *1434: The Year a Magnificent Chinese Fleet Sailed to Italy and Ignited the Renaissance*. Nova Iorque: William Morrow.
- Newman, David (2002). "Boundaries", in J. Agnew et al. eds., *A Companion to Political Geography*. Malden: Blackwell, pp. 123-137.
- (2003). "On borders and power: a theoretical framework", in *Journal of Borderlands Studies*, 18 (1), pp. 13-25.
- (2006). "Borders and bordering: towards an interdisciplinary dialogue", in *European Journal of Social Theory* 9 (2), pp. 171-186.
- Papademetriou, Demetrios e Deborah W. Meyers W. (eds.) (2001). *Caught in the Middle. Border Communities in an Era of Globalisation*. Washington DC: Carnegie Endowment for International Peace.
- Sidaway, James (2007). "Enclave space: a new metageography of development?", in *Area* 39 (3), pp. 331-339.
- Van Houtum, Henk e Ton van Naerssen (2002). "Bordering, ordering and othering", in *Journal of Economic and Social Geography (TESG)* 93 (2), pp. 125-136.
- Wilson, Thomas e Hastings Donnan eds. (1998). *Border Identities: Nation and State at International Frontiers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wissink, Bart. (2003). "The politics of spatial segmentation: Considerations for a research project". Comunicação ao 3.º Congresso Conjunto AESOP-ASCP, Lovaina.

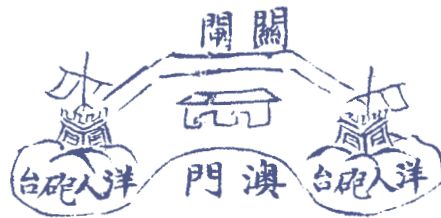
廣州內海



Cities and Borders

An Introduction

Werner Breitung*



The idea for this issue of the *Review of Culture* 'Cities and Borders' originated in 2007. At that time we were preparing an International Conference on Cities and Borders with the Cultural Affairs Bureau of the Macao S.A.R. Government, the Sun Yat-sen University of Guangzhou (School of Geography and Planning) and the University of Macau (Contemporary China Research Centre). This conference was successfully held at the University of Macau on 3rd-5th August 2007. It attracted about 40 participants from 16 countries in disciplines including geography, sociology, planning and history.

Both the conference and this issue of the *Review of Culture* take Macao as a reference point to bring the political geography topic of borders down to the local, more specifically, the urban level. Macao is an excellent example because it is strongly shaped by its nature as a border city (Breitung 2007). The division between colonial and Chinese jurisdictions and cultural realms has been as formative for this place as the experience of border-crossing has been for its people (comp. Sheyla Schuvartz Zandonai's contribution to this journal issue). Many of the limitations and opportunities found in Macao are related to the existence of boundaries—most notably to the arrangement of 'one country, two systems' describing Macao's ambiguous role as an autonomous part of China.

Borders have in traditional political geography and other related disciplines mostly been investigated

with their significance on the national level in mind. With this perspective, the fact has often been overlooked that borders have a very relevant local dimension as well (Wilson and Donnan 1998, Papademetriou and Meyers 2001). Borders divide nations and territories, but they also divide local space in border regions and border cities. This is especially apparent in enclaves such as Macao, Hong Kong or Singapore, and in divided cities or twin cities such as Jerusalem, Nicosia in Cyprus and El Paso/Ciudad Juárez at the US-Mexican border.

Interestingly, on this local scale the dividing effect of the border is in many cases less significant than the connecting effect. Sometimes local connections prevail even in times of political confrontation on the national level. The local-scale investigation should include both the forces of division and those of connection. In the case of Macao and Zhuhai, we can look at the border as a wall separating two different political, social and economic realms, but we can also look at it as a gate through which millions of people move back and forth every month (Fig. 1).

As to the dialectic relationship of both, it can be argued that the cross-border flows do not exist despite the border, but because of the political, social and economic differences the border helps to perpetuate. For example, the price differences between Zhuhai and Macao, which are maintained owing to the border, are a major driving force for cross-border interaction. The same is true for the different legislation on gambling

* Graduate from the Freie Universität, Berlin, Ph.D. in Geography from the University of Basel. He has taught at the University of Hong Kong and the University of Macau for many years and is now Professor of Geography at Sun Yat-sen University in Guangzhou. He has published widely on urban and border issues in the regional context of the Pearl River Delta.

CIDADES E FRONTEIRAS

and Macao's distinct culture, both being the main motors of cross-border tourism into Macao.

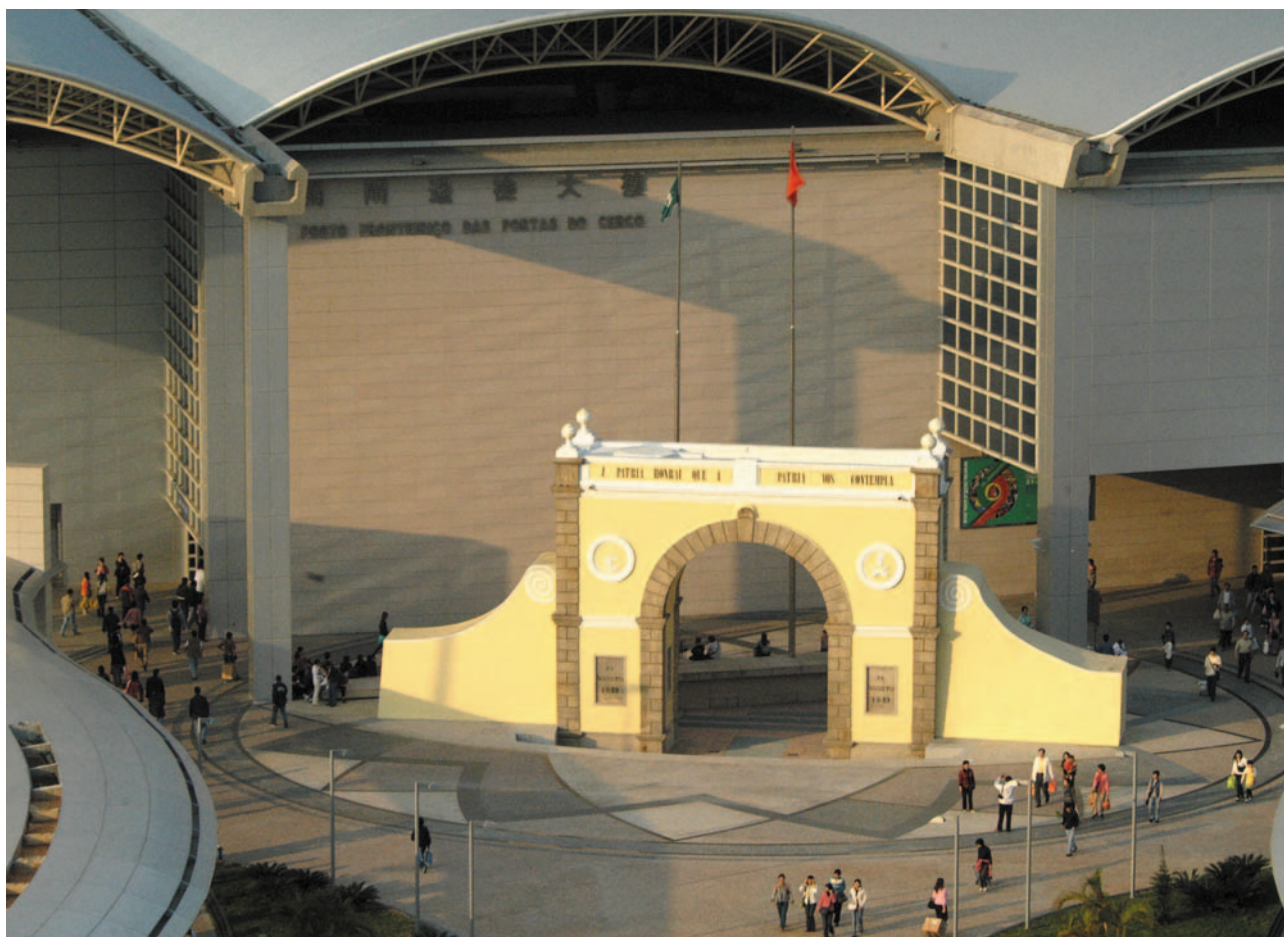
The local, especially urban, dimension of border research has been overlooked or at least underrated for a long time. As Doris Wastl-Walter explains in her contribution to this journal issue, this has changed recently, so that our topic is very timely. There is however another angle to the relationship between cities and borders which still deserves more attention. Not only are cities an underrated issue of border research, borders should at the same time be seen as crucial structural elements of cities.

Implicitly, urban research has referred to different sorts of boundaries, especially in the fields of urban governance, socio-cultural or socio-economic segregation and activity spaces, but mostly not with explicit reference to any broader concept of boundaries. Closest to the border discourse are administrative issues

related to the emergence of metropolitan regions and the consequential need to redefine and redraw urban administrative boundaries. If we define the concept of borders more widely, some of the above-mentioned discourses on social and cultural boundaries within the city will also become issues of Cities and Borders.

It could be argued that it does not make sense to address such diverse issues in one conference as one topic, because the functions and perceptions of national and local as well as administrative and socio-cultural borders are too heterogeneous. However, the example of Macao should remind us that this categorisation may in fact blur our understanding more than it helps it. The Macao-Zhuhai border is a border in transition, experiencing a gradual progression from national to local status. During this transitional time it is pointless to attempt any classification. The Macao-Zhuhai border is neither local nor national: it is both at the same time.

Fig. 1. The new checkpoint building at the Barrier Gate.



CITIES AND BORDERS

With this almost unique form of transition Macao may be seen as an exception, but we can also see it as a very astute reflection of borders in our globalising world in general. National-level boundaries are losing some of their significance, but at the same time local spatial divisions, for example for so-called gated communities, development zones or tourism resorts, are on the rise and they increasingly have an international component (Sidaway 2007, Wissink 2003). In China, the phenomenon of Special Economic Zones already exemplifies a case that such zone boundaries can merge with municipal boundaries. From the other end, the high dynamic invested in the borders of Hong Kong and Macao illustrates the possible crossover between the two seemingly distinct categories of national and municipal boundaries.

In advocating a broadened concept of boundaries we should not mistake broad for imprecise and ambiguous. A broadened concept in particular demands some thorough elaboration on our exact understanding of borders or boundaries—terms which are here used almost interchangeably. Borders and boundaries are understood as dividing lines in space. We explicitly exclude non-spatial borders such as class-boundaries or language barriers, unless they become geographically manifest, e.g. through residential segregation or selective usage of space.

The existence, location and significance of borders are the outcomes of social processes of bounding or border-drawing (van Houtum and van Naerssen 2002). Newman (2002, 2003) has recommended that border researchers focus their attention on these processes rather than on the resultant physical lines and barriers. It is important to understand borders as socially constructed. As such, they are always an expression of political, socio-economic and cultural circumstances.

The process-based view on borders at the same time also points us to a second important fact—borders



Macao in *Guangdong shui shi yinguanbing zhufangtu* (Military map of Guangdong navy bases), late Qing Dynasty.

are dynamic. Border lines and border regimes change according to the changes in the political, socio-economic and cultural circumstances. Their location and especially their nature, openness and impacts are constantly renegotiated. This is particularly apparent in the case of Macao, which for a long time did not have a mutually agreed border regime and now relies on a constitution with a 50-years 'expiry date' (Breitung 2007, 2009). After all, the SAR status is designed as a temporary one with the purpose of facilitating integration.

Within this process, it becomes obvious that borders have functions. They protect, ensure control, allocate power, facilitate administration and foster identities. The question in this context is which particular function they fulfil for the governments and for the people on both sides and how the particular border regime reflects the often diverse set of the different participants' aspirations.

From a more anthropological point of view, these aspirations are part of the cognitive representation of borders. Borders have an impact on peoples' identities and daily lives. They are invested with meaning to those people and emotionally related to feelings of safety and 'home' on the one hand and to unwelcome feelings of enclosedness and exclusion on the other.

CIDADES E FRONTEIRAS

The above deliberations can be summarised in five statements:

- Borders are geographical
- Borders are socially constructed
- Borders are dynamic
- Borders have functions
- Borders have meanings

These five statements can serve as the conceptual basis for the study of borders. They also indicate that border research needs to be an undertaking involving many disciplines such as geography, sociology, history, political science and anthropology. There is clearly the need for more interdisciplinary efforts. The borders between disciplines have to be overcome in order to advance border research (Newman 2003, 2006).

As a framework for a multi-perspective study of boundaries, the author of these lines has developed a set of five approaches (Breitung 2002, 2007). It is suggested to investigate the nature and dynamics of boundaries as:

- (1) political-administrative boundaries
- (2) physical features
- (3) functional barriers or filters to interaction
- (4) socio-economic dividing lines and
- (5) mental representations ('border in the mind')

These five aspects (Fig. 2) should not be confused with each other. Much rather they should complement each other in order to achieve a comprehensive understanding of the borders in question. While this issue of the *Review of Culture* does not focus solely on Macao, the city's borders deserve considerable attention in this context. The history of shared space and undefined, ambiguous borders between the Portuguese settlement and its Chinese environment, the integration process under the framework of 'one country, two systems' and the daily experience of one of the world's busiest border-crossing points provide ample material for academic enquiry. The case of Macao could even be seen as representing the stronger underlying trend of the Chinese opening-up of their boundaries. The changing border regimes of the biggest country in the world naturally have tremendous impacts globally, domestically and for our argument also locally. The earliest and most affected border region of China was and is the Pearl River Delta Region. Increasing academic attention to this area would benefit both the practical debate about cross-border developments in the Pearl-River Delta and the far too western-dominated academic discourse in the field of border studies.

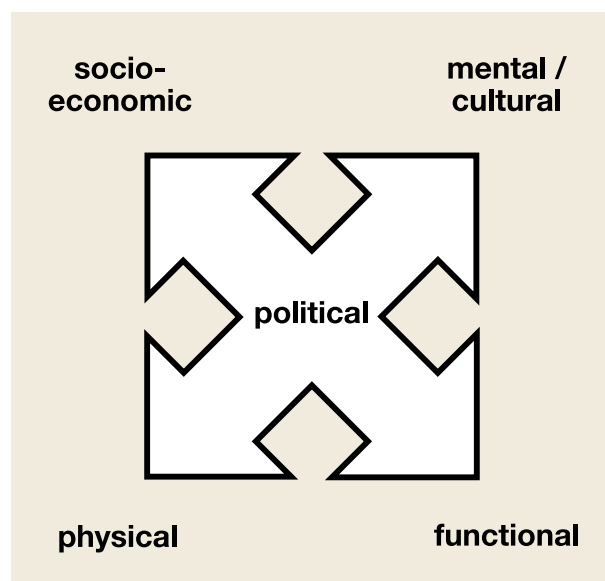


Fig. 2. Framework of five perspectives to border research (Breitung 2002, 2007).

This issue of the *Review of Culture* can only make a small contribution to this aim, but we have been able to put together several remarkable papers about cities and borders. Firstly, the article on 'Borders from the perspective of good neighbourhood' by Doris Wastl-Walter provides a first-hand update on border research perspectives from Europe. The author has contributed significantly to this research herself. In this paper she especially elaborates on the popular claim that borders should be overcome by co-operation. The understanding is that co-operation should be local in scale, involve the peoples' everyday lives and be ideally bottom-up. She also introduces the view that cross-border integration is an issue reaching beyond political boundaries and being relevant for inner-urban socio-cultural boundaries.

This is an important point, which is taken up in more detail by the following contribution: 'Borders within the city: Retracing Macao's identity' by Sheyla Schuvartz Zandonai. Schuvartz Zandonai applies a historical and anthropological perspective to investigate socio-cultural boundaries within Macao. Having done extensive fieldwork in Macao she combines profound local knowledge with a modern, analytic and multi-faceted understanding of boundaries. She points to language and jural pluralism as dividing forces and to trade, missionary activities and intermarriage as factors contributing to cross-border encounters.

CITIES AND BORDERS

Schuvartz Zandonai's paper introduces the case of Macao, which is then further developed by Hendrik Tieben. In his article 'From backyard to front door. The transformation of Macao's border spaces' the author describes the recent spatial changes in Macao and analyses especially the repositioning of the Northern District and the Inner Harbour from their traditional backyard situation to become the entry gates to the city. He portrays their transition into spaces of representation in the New Macao together with some related conflicts and contradictions.

Jonathan Solomon, like Tieben a professor of architecture in Hong Kong, contributes a somewhat unusual piece, which relies mostly on images to introduce his earlier proposal for the Hong Kong-Zhuhai-Macao Bridge. Under the title of 'Charged infrastructures' he provocatively suggests to turn this cross-border link into more than a transport channel but into a longitudinal urban structure symbolically contributing to the integration of the three involved jurisdictions.

The last contribution by James Sidaway and Jonathan Power, titled 'Lisbon to Macao: The occluded geographies of Portugal's discoveries', is more loosely

connected to the theme of Cities and Borders. It takes up the idea of symbolic linkages between places. Where Solomon conceived of his bridge as a charged infrastructure, Sidaway and Power take symbolic links between three towers around the sites of the 1998 and 1992 Expos in Lisbon and Seville as a starting point to elaborate on the theme of imperial discoveries and Portuguese as well as European identity. Theirs is an inspirational essay on Portuguese and European imperialism and their representations. It questions the appropriateness of the Eurocentric view embodied in the concept of the 1998 Expo and the implications to the construction of Portuguese national identity.

This seems very compelling to the author of this introduction in the light of recent convincing arguments that the European voyages of discovery and the ensuing modernisation were actually inspired by the Chinese knowledge of the world at that time (Menzies 2002, 2008). This would bring us back to our geographic reference point in China and the earlier arguments about the great importance of this country's changing border regime and the inappropriateness of the current western dominance in border studies. **RC**

BIBLIOGRAPHY

- Breitung, Werner (2002). 'Transformation of a boundary regime: the Hong Kong and Mainland China case.' *Environment and Planning A* (34), pp. 1749-62.
- (2007). *Overcoming Borders, Living with Borders*. Macao and the integration with China. Macao: Instituto Cultural do Governo da R. A. E. de Macau.
- (2009). 'Macau residents as border people. A changing border regime from a socio-cultural perspective.' *Journal of Current Chinese Affairs* 38 (1), pp. 101-27.
- Menzies, Gavin (2002). *1421: The Year China Discovered the World*. London: Bantam Press.
- (2008). *1434: The Year a Magnificent Chinese Fleet Sailed to Italy and Ignited the Renaissance*. New York: William Morrow.
- Newman, David (2002). 'Boundaries.' In *A Companion to Political Geography*, edited by J. Agnew *et al.* Malden: Blackwell, pp. 123-37.
- (2003). 'On borders and power: a theoretical framework.' *Journal of Borderlands Studies*, 18 (1), pp. 13-25.
- (2006). 'Borders and bordering: towards an interdisciplinary dialogue.' *European Journal of Social Theory* 9 (2), pp. 171-86.
- Papademetriou, Demetrios e Deborah W. Meyers W. (eds.) (2001). *Caught in the Middle. Border Communities in an Era of Globalisation*. Washington DC: Carnegie Endowment for International Peace.
- Sidaway, James (2007). 'Enclave space: a new metageography of development?' *Area* 39 (3), pp. 331-9.
- Van Houtum, Henk e Ton van Naerssen (2002). 'Bordering, ordering and othering.' *Journal of Economic and Social Geography (TESG)* 93 (2), pp. 125-36.
- Wilson, Thomas e Hastings Donnan eds. (1998). *Border Identities: Nation and State at International Frontiers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wissink, Bart. (2003). 'The politics of spatial segmentation – Considerations for a research project'. Paper prepared for the third AESOP-ASCP joint congress in Leuven.